

1

A mulher ajoelhou-se, debruçando-se sobre o seu amante, com o rosto e todo o corpo paralisados de terror ao fitar o sangue que tinha na mão. Ele jazia sobre o dorso, com um braço esticado e a palma da mão para cima, como a pedir-lhe que lá pusesse alguma coisa; a vida dele, talvez. Ela tocara-lhe no peito, instando-o a levantar-se para poderem sair dali, mas ele não se mexera, por isso ela abanara-o — sempre aquele dorminhoco que nunca queria sair da cama.

A mão voltara tingida de vermelho e, sem pensar, ela usou-a para tapar a boca e abafar o grito, sabendo que não podia fazer barulho, que não os podia deixar saber que estava ali. Depois, o horror levou a melhor sobre a prudência e ela gritou o nome dele uma e outra vez, dizendo a si mesma que ele estava morto e que tudo acabara; assim, em sangue.

Olhou para o sítio onde a sua mão estivera e viu as manchas vermelhas: como tinham elas produzido tanto sangue, sendo tão, tão pequenas? Esfregou a boca com a mão ainda limpa e ela ficou tingida do sangue que tinha no rosto. Em pânico, ao ver o sangue, disse o nome dele. Tudo acabara, tudo acabara. Disse o nome dele outra vez, agora mais alto, mas ele já não conseguia ouvi-la ou responder-lhe, nem a mais ninguém. Sem refletir, inclinou-se para o beijar, agarrou-lhe os ombros e abanou-o, na tentativa vã de lhe restituir alguma vida, mas não haveria mais vida para nenhum dos dois.

Da sua esquerda veio um berro do chefe do bando que o tinha matado e ela apertou a mão contra o peito. O medo tirou-lhe a fala e ela apenas conseguiu grunhir “Ah, ah”, como um animal em sofrimento.

Voltou a cabeça e viu-os, ouvia os gritos deles, mas não fazia ideia do que estavam a dizer: apenas sentia terror e, de repente, medo por si própria e pelo que eles lhe fariam, agora que ele estava morto.

Levantou-se e afastou-se dele: nada de olhar para trás. Ele estava morto e tudo tinha acabado: extintas todas as promessas, toda a esperança.

Os homens chegaram ao telhado coberto de lixo onde o assassinio ocorrera, quatro vindos do lado esquerdo, depois mais cinco da direita. O chefe do bando gritou qualquer coisa, mas ela já não conseguia ouvi-lo, nem ouvir ninguém, nem nada. Só sabia que tinha de lhes fugir, mas eles tinham bloqueado ambos os lados. Voltou-se e viu atrás de si a borda do telhado, sem outro edifício à vista: sem saída, sem sítio onde se esconder.

Havia escolha, mas na realidade não havia escolha: a morte era preferível a isto, quer ao que tinha acabado de acontecer, quer ao que, por certo, aconteceria mal eles lhe pusessem as mãos em cima. Tropeçou uma vez, duas vezes, enquanto corria para o parapeito, subiu-o com inesperada elegância e voltou-se para trás para ver os homens que corriam na sua direção. “*O Scarpia, avanti a Dio*”, gritou, depois voltou-se e saltou.

A música retumbou e, depois, continuou a troar por algum tempo, como sempre acontecia no final deste desfechozito, surpreendente, mas medíocre; e a seguir houve um longo momento de silêncio estarrecido enquanto a assistência se apercebia do que acabara de ouvir e ver. Desde Callas — e já lá ia meio século — que não se via ou ouvia semelhante a esta *Tosca*. Tosca tinha mesmo matado Scarpia, o chefe da polícia, não tinha? E o amante dela tinha mesmo sido morto por aqueles patifes de uniforme? E ela tinha mesmo saltado para o Tibre. Meu Deus, aquela mulher sabia representar e, melhor do que tudo, sabia cantar. É completamente autêntico: o assassinato, a falsa execução que afinal é verdadeira e o seu salto final quando já nada restava e não havia nada a perder. É uma piroseira romântica, toda a história uma paródia pior do que a própria paródia, mas então porque é que a assistência continuava sentada a aplaudir até ficar sem a pele das mãos e a guinchar como almas penadas?

O pano de boca de cena dividiu-se ao centro, devagar, e Flavia Petrelli deslizou através da apertada abertura. Estava vestida de vermelho, um vermelho mais do que vermelho, e usava uma tiara que aparentemente tinha sobrevivido ao seu despenhamento no rio. Olhou para a assistência e o rosto foi-se iluminando por um prazer espantado. Para mim? Todo esse barulho para mim? O sorriso cresceu e uma das mãos — como que por artes mágicas livre do sangue ou do que quer que tivesse sido usado para o imitar — ergueu-se até à pele nua da zona do decote e pressionou o coração, como que a forçá-lo a manter-se no seu sítio perante tanta excitação.

Afastou a mão e abriu um dos braços como se quisesse abraçar todos, depois abriu o outro, expondo todo o seu corpo à investida dos aplausos. A seguir, as duas mãos voltaram a ir de encontro ao peito e deixou-se cair num movimento gracioso, meio vénia, meio genuflexão. Os aplausos aumentaram e vozes, tanto masculinas como femininas, gritaram “*Brava*”, ou, no caso dos que ou eram cegos ou não eram italianos, “*Bravo*”. Ela não parecia importar-se, desde que gritassem. Outra vénia e, depois, ergueu o rosto como se o quisesse banhar na cascata de aplausos.

A primeira rosa, de longa haste e amarela como o sol, caiu mesmo à sua frente. Ela afastou o pé de forma involuntária, como se receasse causar-lhe algum dano, ou o inverso, e depois, tão devagar que o movimento parecia estudado, quase treinado, inclinou-se para a apanhar. Apertou-a contra o peito e cruzou as mãos sobre ela. O sorriso vacilara quando a vira — “Isto é para mim? Para *mim*?” — mas o rosto que ergueu para os balcões superiores irradiava contentamento.

Como que convocadas pela sua reação, as rosas continuaram a cair: primeiro duas, depois mais três, atiradas individualmente do lado direito e, a seguir, mais e mais, até haver dúzias delas junto aos seus pés, transformando-a numa Joana d’Arc, com lenha até à altura dos tornozelos, ou mais ainda.

Flavia sorriu para a trovoada de aplausos, fez outra vénia, afastou-se das rosas e deslizou para trás do pano. Uns momentos mais tarde, emergiu de novo, segurando a mão do seu amante agora vivo de novo. Como os gritos dos acólitos de Scarpia, também os aplausos subiram de tom quando ele apareceu, aproximando-se desse delírio

que tantas vezes se instala quando aparece um jovem e belo tenor que chega a todas as notas altas e as usa generosamente. Ambos olhavam para baixo com nervosismo, na tentativa de evitar calcar o tapete de rosas, depois abandonaram essa preocupação e esmagaram-nas sob os pés.

Respondendo instintivamente a algum sinal nos aplausos que lhe indicava que estes eram dirigidos ao tenor, Flavia deu um passo atrás e juntou-se à assistência, levantando bem as mãos enquanto o aplaudia. No exato momento em que os aplausos começaram a diminuir, ela chegou-se a ele, deu-lhe o braço e encostou-se, depois beijou-o ao de leve na cara, aquele beijinho de camaradagem que se dá a um irmão ou a um bom colega. Ele, por seu turno, agarrou-lhe a mão e ergueu bem alto as duas mãos assim unidas, como se estivesse a anunciar o vencedor de uma competição.

O tenor deu um passo atrás para lhe dar espaço, esmagando mais rosas, e ela passou-lhe à frente e deslizou para trás do pano; ele seguiu-a. Após uns momentos, o ressuscitado Scarpia, com a frente do casaco ainda manchada de encarnado, avançou para a frente do pano e dirigiu-se para o lado direito, evitando a maior parte das rosas. Fez uma vénia, fez outra vénia e cruzou as mãos sobre o peito ensanguentado para mostrar o seu agradecimento, depois, voltando à abertura do pano, estendeu o braço e trouxe para fora Flavia, ainda de mão dada ao jovem tenor. Scarpia conduziu a fila indiana de três ressuscitados para o lado direito, esmagando as flores, enquanto a bainha do vestido de Flavia as varria para os lados. Ergueram as mãos unidas, fazendo vénias em conjunto, os seus três rostos igualmente radiantes e transfigurados de prazer e gratidão perante o apreço da assistência.

Flavia libertou-se dos dois homens e deslizou outra vez para trás do pano, emergindo desta vez de mão dada com o maestro. Ele era a pessoa mais jovem em palco, mas o seu autodomínio igualava o dos seus colegas mais velhos. Chegou-se à frente sem sequer reparar nas rosas e percorreu a assistência com o olhar. Sorriu e fez uma vénia, depois acenou à orquestra para que se levantasse e partilhasse os aplausos. O maestro fez outra vénia, depois deu um passo atrás e colocou-se entre Flavia e o tenor. Os quatro chegaram-se à frente e fizeram mais uma vénia, e ainda outra, sempre satisfeitos e agrade-

cidos. O volume dos aplausos diminuiu um tudo-nada; sensível a essa variação, Flavia acenou alegremente à assistência, como se estivesse para embarcar num comboio ou num navio, e conduziu os seus colegas masculinos para trás do pano. Os aplausos abrandaram e, quando os cantores não voltaram a aparecer, foram esmorecendo, até que uma voz masculina se ergueu do primeiro balcão, gritando “*Evviva Flavia*”, um grito que arrancou alguns aplausos frenéticos e, depois, o silêncio e apenas alguns murmúrios e conversas em voz baixa enquanto a assistência encarreirava para as saídas.